

CAPÍTULO V – A FILOSOFIA ROSACRUZ EXPLICA TODOS ESSES PROBLEMAS DA VIDA DE FORMA MUITO CLARA E SATISFATÓRIA

Na manhã seguinte ao retorno de Marozia para casa, ela e a Sra. Morton estavam sentadas na biblioteca da Villa, conversando intimamente. Havia uma terna solicitude na maneira como a Sra. Morton tratava a jovem. Ela sabia que nuvens sombrias se acumulavam ao redor dela, mas não podia alertá-la. Ralph Remington, com ou sem sabedoria, desejava que sua filha permanecesse alheia a qualquer problema que os ameaçasse, acreditando — com um otimismo comovente — que a situação ainda poderia ser evitada, mesmo no último instante. “Assim, será uma dor a menos para ela”, raciocinava ele. “Não me importo com as cicatrizes da batalha, mas elas não combinam com o rosto belo da minha filha.”

A Sra. Morton, que via em Ralph Remington apenas virtudes e grandeza, não concordava com ele nesse ponto. Ela conhecia o poder benéfico do sofrimento. Conhecia a beleza que ele confere — mesmo aos jovens — quando suportado com nobreza. Conhecia a têmpera da alma de Marozia. Perita em ler a natureza humana, ela sabia que qualquer sofrimento que tocasse a vida de sua amiga jamais degeneraria em algo egoísta; o primeiro pensamento dela seria sempre para com os outros. Ciente do valor de tais experiências de belo altruísmo, ela não ousava impedir uma alma de alcançar sua elevada herança apenas para poupá-la de algumas dores em sua ascensão. Após abordarem diversos assuntos, a Sra. Morton perguntou:

– “A propósito, querida, você se lembra da Sarah Thomas, que veio morar aqui vinda de Cherry Valley pouco antes de você partir?”

– “Sim, lembro-me muito bem de como ela agiu na primeira vez que nos encontramos. Foi no último dia de aula; demos de cara uma com a outra,

inesperadamente, na trilha do prado, perto daquela pedra grande. Eu estava perdida em um dos meus ‘devaneios’ quando ela passou caminhando devagar. Ela murmurava algo para si mesma e, quando me levantei da pedra e ficamos frente a frente, ela parecia assustada e com um ar meio selvagem. Imagino que ela tenha me confundido com o fantasma de uma irmã (ela realmente tinha esse ar), mas não me recebeu nada bem.”

– “O que ela fez?”

– “Caiu de cabeça na grama do prado em seus esforços frenéticos para escapar. Eu sorri. Não consegui evitar, Sra. Morton, ela parecia tão perfeitamente ridícula. Sim, ela viu o sorriso quando lançou um olhar rápido para trás depois de se levantar e colocar de volta seu chapéu de sol esfarrapado na cabeça. Ela não disse nada, mas parecia indescritível.”

Um sorriso de pena divertida pairava nos lábios doces da Sra. Morton.

– “Ela é tímida, coitada, e sua posição desajeitada aumentava sua sensibilidade.”

– “Sim, eu realmente senti pena dela e tentei me redimir depois, quando nos encontramos no mesmo lugar, mas ela rejeitou todas as minhas tentativas e me deixou lá, um penitente solitário e abatido. Ela nunca me perdoou pelo sorriso infeliz.”

– “Não”.

– “O caso dela é triste, minha cara. O pai, um homem preguiçoso e desleixado, da pior espécie, insistiu em colocá-la para trabalhar na lavoura. Ela ansiava por instrução, coitada, para poder lecionar, mas a ignorância brutal mostrou-se intransigente. No dia seguinte, ela foi trabalhar na fazenda da Sra. Gregory”.

– “Sinto muito por ela, mas vejo esses casos sob uma perspectiva completamente diferente desde que estudei a Filosofia Rosacruz. Ela explica todos esses problemas da vida de forma muito clara e satisfatória. Deve ter havido uma causa antecedente em alguma vida passada de Sarah para produzir resultados tão angustiantes.”

– “Sim, minha querida, concordo plenamente com você. Há muito tempo acredito que somente a doutrina da reencarnação poderia explicar nossos destinos intrincados.”

A expressão de Marozia revelava sua surpresa.

— Sim, minha querida; e talvez a surpreenda ainda mais saber que o Reitor também acredita nisso e o ensina indiretamente. Ele diz que, se a Igreja compreendesse sua verdadeira herança, valorizaria a obra de Cristo como nunca antes. Diz também que essa ideia começa a ser amplamente aceita pelo clero, especialmente no Ocidente. Era a antiga doutrina esotérica da Igreja que, durante vários séculos, deixou de fazer parte do ensino público.

— “E sabe por que, Sra. Morton? Havia uma razão para isso, que o Sr. Arlington explicou em suas aulas. Era necessário que a Humanidade conquistasse o Mundo material e, também, se individualizasse plenamente e desenvolvesse a autoconsciência. O ser humano não teria o incentivo para aproveitar ao máximo cada vida se tivesse conservado a memória do renascimento. Teria se tornado indolente e sonhador — como alguns dos povos orientais que ainda preservam esse conhecimento. Eles também serão obrigados a descer mais profundamente na materialidade, visto que estão atrás de nós na evolução. Ele diz que eles renascerão no mundo ocidental e, assim, aprenderão as lições que lhes restam. Chegamos ao limite da separatividade e precisamos cultivar o altruísmo e despertar os poderes espirituais, ou então nos cristalizaremos. A nova Raça está

se formando — ou, pelo menos, é o alvorecer de sua formação — e chegou o momento de difundir publicamente o antigo ensinamento esotérico.”

— “Isso é muito interessante, querida, e estou ansiosa para aprofundar meu conhecimento nessa Filosofia Rosacruz.”

— “Ela nunca a decepcionará, Sra. Morton. Quanto mais se estuda, mais se percebe sua profundidade e vastidão. Sua lógica é tão convincente que atrai mentes eruditas, e ainda assim é tão simples que uma criança consegue compreender seus princípios fundamentais.”

— “Sempre uma marca da verdade, Marozia.”

— “Voltando a falar de Sarah Thomas... Um pequeno incidente ocorreu logo depois, quando passei por ela na estrada da colina. Ela estava parada junto ao portão da Sra. Gregory, resmungando e agitando a mão erguida em tom de desafio — aparentemente contra mim. Ouvi quando ela disse, olhando para mim com uma expressão de intensa amargura: ‘A sua vez vai chegar’.”

— “Coitada, sem dúvida ela estava com vontade de brigar com o mundo naquele dia!”

— “Sim, agora eu entendo, pois meu pai dizia que ela era uma aluna brilhante. Ser privada da educação daquela maneira cruel é, certamente, algo comovente. Seu rosto apático e sem vida, bem como sua aparência desajeitada, despertavam, sem dúvida, compaixão.”

— “Senti muita pena dela em nosso primeiro encontro, depois que meu senso tolo de ridículo passou.”

— “Ela mudou muito de aparência desde aquele dia.”

— “Espero que seja para melhor. Certamente, havia espaço para isso!” A Sra. Morton olhou para o rosto de Marozia e falou com sinceridade direta:

— “Acredito que ela precisa da influência do seu caráter e personalidade em sua pobre vida distorcida, minha querida!”

— “Ah, mas ela congelou minha simpatia na segunda vez que nos encontramos. O olhar que ela me lançou ao se virar e sair apressadamente era uma mistura complexa de absinto e fel.”

A Sra. Morton surpreendeu-se com o tom e as palavras de Marozia. Parecia haver uma leve dissonância, interna ou externa — talvez entre os dois extremos de sua polaridade.

A bela luminosidade de outrora, que irradiava dos olhos e do rosto para outros corações, estava agora sob uma leve sombra. Percebia-se maior autoconfiança e independência em sua franqueza direta e aberta, mas havia também um matiz de sátira refinada — sinal, em alguém de seu temperamento, de inquietação ou de ideais não realizados.

O que ela teria adquirido ao longo do último ano? Que influências estariam atuando em sua vida interior? A Sra. Morton não tinha conhecimento de outras experiências capazes de provocar tal mudança.

Ela compreendia a falta de harmonia entre mãe e filha, mas isso apenas realçava ainda mais a força e a doçura do caráter de Marozia. Não conseguia, contudo, compreender plenamente a nova nuance de sua natureza versátil.

A Sra. Morton possuía a intuição aguçada e a sensibilidade refinada que são características marcantes de mulheres de natureza elevada. Ela compreendeu a Personalidade de Marozia logo no primeiro encontro, dois anos antes, quando seu marido assumiu o cargo de reitor da pequena igreja gótica. Viu nela um contraste revigorante em relação às moças comuns. Sua Mente era tão

equilibrada e lúcida, tão brilhante e original, que ela adorava sua companhia. A diferença de idade perdia a importância, pois a Sra. Morton conservava o coração e o semblante de uma eterna juventude.

Sabia que a Mente de Marozia estava totalmente livre de quaisquer tendências mórbidas; contudo, percebia que a própria inclinação de idealizar tudo o que tocava sua vida poderia acarretar inúmeras decepções no futuro. Esse é, invariavelmente, o destino do idealista, pois até as pessoas e coisas mais banais são transfiguradas no alambique de sua imaginação rica e vívida. Segue-se, então, o despertar, quando belos vínculos perdem o encanto e parecem vulgares e superficiais à luz da realidade cotidiana. Nada pode evitar a dor e o sofrimento do idealista, mas a alma pode sobreviver às suas ilusões e transformá-las em força e fibra — se assim o desejar.

A Sra. Morton sentia que Marozia sempre faria de suas adversidades “degraus”. Contudo, apesar de todo o seu belo altruísmo — que constantemente se voltava para ajudar e elevar o próximo —, ela estava ciente das cruéis disparidades da vida. Sabia como, às vezes, as almas submergem nas águas sombrias e — aqui — jamais voltam à tona.

Além do encanto que ela reconhecia na Personalidade de Marozia, havia um outro, misterioso, que a ligava a tempos passados. Ela conhecera Ralph Remington na juventude, quando ele era estudante em Yale. Ao vê-lo novamente, após o transcurso de muitos anos, seu rosto pálido e doce tornou-se um pouco mais pálido. A memória trazia de volta aqueles dias dourados, como um sonho.

Conhecer Ralph Remington fora, por si só, algo que elevava o espírito. Depois que a primeira onda avassaladora de sua mágoa secreta passou, deixou em seu rosto sereno uma doçura e uma calma benfazejas. Agora, ela via a marca do

caráter nobre de Ralph Remington no rosto de Marozia e a amava com uma ternura ainda mais profunda.

Suas palavras seguintes foram ditas com certa hesitação:

— “Sarah Thomas tornou-se uma moça muito bonita, mas... eu realmente não sei o que pensar a respeito. Às vezes, sinto que agimos mal ao não manter um contato mais próximo com ela. Acho que ela deveria ter ido com a mãe!” Então, a voz doce da Sra. Morton tornou-se suplicante.

— “Você acha que conseguiria vê-la e conhecê-la?”

— “Suponho que eu conseguiria..., mas de que adiantaria, querida Sra. Morton?”

— “Pode ser de grande valia para uma natureza profunda e rica estender a mão através do silêncio que separa as almas — tocar, com calor humano, uma vida solitária e reprimida”.

O rosto de Marozia iluminou-se à medida que a artista em seu interior reagia às palavras e à Personalidade radiantes da Sra. Morton. Contudo, ela não cederia — pelo menos não ainda. Respondeu com um tom de indagação:

— “Ainda assim, admitindo-se as mais elevadas intenções, será sensato tentar estabelecer um ponto de encontro entre almas que não gravitam naturalmente uma em direção à outra?”

— “Quer dizer que, mesmo que estejam no mesmo plano, se houver uma incompatibilidade química, haverá repulsão e desarmonia — e que, se estiverem em planos diferentes, aquele que se encontra em um estágio inferior jamais poderia compreender ou assimilar, restando à natureza mais elevada a humilhação da derrota? Sei, meu bem, que propósitos altruístas são facilmente mal interpretados e retornam distorcidos para ferir o coração sensível. Ainda

assim, devemos seguir o caminho ascendente, não importam os espinhos e as sarças que possamos encontrar.”

Marozia sorriu, um sorriso pequeno e peculiar, meio engraçado, meio patético.

— “Ainda estou cética quanto a essa questão. Na verdade, me importo cada vez menos em ‘conhecer’ as pessoas. Quem realmente conhece alguém, a menos que suas almas estejam unidas? Não achei as pessoas que conheci até agora muito amáveis ou que valessem a pena conhecer, e sem dúvida elas têm a mesma impressão de mim. Prefiro o Pai e a solidão.”

— “Mas as outras pessoas – aquelas que não sabem usar nem mesmo a solidão – precisam de ajuda, minha querida!”

— “Não acho que elas queiram ser ajudadas. Geralmente, elas se ressentem de qualquer esforço benéfico.”

— “Nem todos; e devemos prosseguir com nossos esforços, ou nossas próprias almas se degenerarão. Ninguém está tão morto quanto aqueles que são egocêntricos; que veem a vida sob uma ótica limitada; que interpretam mal as motivações alheias ao analisá-las a partir do centro distorcido de sua própria consciência ignóbil. Enganamo-nos tão facilmente. Nossas motivações devem elevar-se a um patamar superior àquele sugerido pela minha alternativa egoísta. Não devemos ajudar apenas para promover o crescimento de nossa própria alma, mas porque amamos e não podemos deixar de empreender esse esforço. Em última análise, apenas o altruísmo mais puro é o que conta.”

Houve um silêncio momentâneo; então, o rosto de Marozia iluminou-se, e sua alma viva e fervorosa transpareceu através de um humor levemente zombeteiro.

— “Tive um novo pensamento ontem à noite – e sobrevivi à experiência. Papai foi o responsável por implantá-lo em minhas células cerebrais.” A Sra. Morton sorriu ansiosamente.

— “Um novo pensamento?”

— “Bem, pelo menos para mim foi novo – embora quem possa dizer quantas vezes ele já se manifestou?”

— “Conte-me! Estou ansiosa por algo novo!”

— “Não, pois consigo detectar o sorriso por trás das palavras.”

— “Mesmo assim, conte-me, Marozia. O sorriso desapareceu completamente, deixando apenas um desejo sincero de conhecer seus belos pensamentos.”

— “O prefácio é mais importante do que o pensamento, pois o prefácio era do Papai. Vou lhe contar essa parte.”

Havia um toque da antiga vivacidade no jeito de Marozia. O rosto da Sra. Morton iluminou-se com um belo resplendor.

— “Conte-nos o prefácio, sem dúvida”, ela pediu.

— “Bem, meu pai disse algo que soou um tanto pouco ortodoxo do ponto de vista literário. Eu vinha insistindo para que ele deixasse seu gênio se afirmar, e ele declarou que o esforço e a afirmação banalizam as verdadeiras glórias. Perguntei-lhe para que fim fora dado o Fogo divino, e ele respondeu: ‘O Fogo divino não permite a afirmação. Ele realiza sua obra — sua obra de silenciosa iluminação — e consome o eu insignificante. Há uma tentativa excessiva de expressão nesta época. É grosseiro tagarelar. Mesmo a vívida pintura com palavras de Ruskin não produziu efeito maior — se é que se buscava algum efeito — do que a descrição que Tom Gregory fez de sua horta de batatas. Tanto as glórias venezianas quanto a horta de batatas eram, em igual medida,

completas — cada uma à sua maneira — sem a poesia ou a prosa rudimentar da descrição’.”

— “Mas outros olhos e Mentes podem não ver”, objetei.

— “Ah, agora você toca na verdadeira questão, no cerne do assunto”, respondeu ele. “Quando me afirmo por mim mesmo, torno-me um egoísta superficial – um mero tagarela, tão desprezível no papel mais importante como no mais humilde. É o fazer pelos outros que nos salva”.

A respiração da Sra. Morton ficou rápida. “E seu pensamento complementar, meu caro?”

— “Apenas isto. Perguntei-me se os nossos esforços no sentido de uma revelação mútua não acabam, na verdade, por menosprezar as nossas próprias experiências e as dos outros. Podemos até sentir certo prazer na troca de ideias, mas será que, graças a esse esforço, passamos realmente a conhecer-nos melhor? E — se o conseguíssemos — o que isso significaria? O Ego nunca se revela nem se expressa. Ele está aprisionado em recônditos mais profundos do que os claustros da alma — uma entidade muda e imóvel, repleta de Fogo vivo; ele próprio um Fogo vivo —, ao passo que o Impostor se veste com as suas roupagens, ocupa o trono e faz-se ouvir pelos outros. É o “eu” fictício que encontra outros “eus” fictícios. Como um fantasma a encontrar fantasmas!”

O pensamento de Marozia revelava os perigos e as glórias que aguardavam uma mente profundamente analítica e uma natureza emocional rica. Revelava à Sra. Morton capacidades que podiam alcançar qualquer altura ou de lançar a alma nas profundezas do desespero. Tanto as alturas quanto as profundezas significariam muito mais para tal espírito do que para os outros.

— Suponho que você me lembraria da máxima do papai: “quando me afirmo em prol de mim mesma, eu me degrado” e “é o agir em favor dos outros que

nos salva” — continuou Marozia, como se lesse o pensamento não verbalizado da Sra. Morton. — Ainda assim, será sensato sacrificar a verdade e ultrajar o “Eu” verdadeiro, mesmo que seja para sustentar uma teoria nobre e elevada?

— “Mas, minha querida, embora a ideia seja boa e verdadeira, não seria prudente colocá-la em prática!”

— “Por que não, se é verdade?”, perguntou Marozia com uma franqueza surpreendente.

— “Porque a verdade pode ser elevada demais e sublime demais para este Planeta em seu atual estágio de desenvolvimento.”

Havia um brilho profundo nos olhos da Sra. Morton. Marozia acrescentou rapidamente:

— “Imagino que você perguntaria o que seria de amizades como a nossa, mas não creio que elas possam ser incluídas. O pensamento simplesmente responde ao pensamento, e nenhuma ofensa é feita ao “Eu” verdadeiro. Na verdade, é o “Eu” verdadeiro que fala quando estamos juntos. A nossa é uma amizade em seu estado ideal — uma amizade que perdura desde eras passadas.”. Um sorriso radiante surgiu entre elas.

— “Compreendo perfeitamente, querida; no entanto, não devemos nos fechar em nosso mundo ideal e permitir que os outros “eus” ao nosso redor se sintam solitários. Nem mesmo os superficiais, egoístas e vulgares. Devemos ajudá-los a ver o lado mais elevado da vida. Quanto mais baixo o nível em que se encontram, maior a necessidade de estendermos a mão. E esse gesto deve ser de fato um ‘estender a mão’, sem jamais transparecer qualquer atitude de quem se inclina ‘de cima para baixo’. A Luz interior é a mesma em todos, e devemos procurar ajudá-la a brilhar.”

— “Sim, eu sei que a Luz é a mesma em todos. Os acréscimos externos pertencem à Personalidade, que é transitória. Podemos não ser capazes de admirá-la, mas é com ela que entramos em contato nos outros!”

— “Eu sei, minha querida, mas precisamos ser capazes de alcançar o “Eu” verdadeiro através disso – precisamos aprender a fazer isso.”

— “Mas como fazer isso? Ah, essa é a parte difícil!”.

— “Tente expandir sua consciência, querida Marozia! Tente ver a Vida Divina por trás da outra Personalidade — por trás daquilo que a repele. Tente imaginar essa Vida Única circulando por todo o Universo, expressando-se através das mais variadas máscaras: ora através da sua, ora através da minha, e também através daquela que você não admira nem um pouco, nem pela qual se sente atraída. A máscara não tem grande importância. O que conta é o Espírito.”

— “Mas e se o Espírito for sufocado por um desejo elemental? Devemos amar isso?”

— “Devemos conduzir todas as coisas à bondade por meio do amor. Esse é, contudo, um caso extremo, resultante de um mal persistente e de desejos egoístas. Nesses casos, o Espírito pode ser forçado a abandonar seu veículo, mas é raro encontrar uma Personalidade desprovida de qualquer vestígio da Vida Única em seu interior. Esse vestígio pode permanecer temporariamente submerso sob a massa de detritos acumulada pelo desejo egoísta. Devemos tentar resgatá-lo — redescobrir o tesouro perdido.”

— “Mas, deixando de lado os casos extremos — será sensato, nesta fase de nossa evolução, desnudarmos nossas almas uns aos outros? Sei que, um dia, estaremos alma com alma — e anseio de todo o coração por esse dia feliz —, mas agora, enquanto a Personalidade é tão dominante em quase todos nós... será sensato?”

— “Algumas de nossas concepções de verdade podem pertencer ao “eu” pessoal e, se tentássemos vivenciá-las, nos tornaríamos auto-reprimidos e egocêntricos. Devemos sempre discernir.”

Marozia sorriu – o antigo sorriso irônico e brilhante.

— “Ah, os velhos enigmas desconcertantes que costumavam atormentar minha infância! Verdade em vislumbres parciais – em doses homeopáticas! Discrepâncias entre o real e o ideal! Vemos uma verdade – parece bela, mas quando tentamos vivenciá-la, pronto! – Ela se torna egoísmo mascarado sob o disfarce da verdade!”

— “Engrenagens dentro de engrenagens!” — respondeu a Sra. Morton, com uma compreensão luminosa e cheia de empatia.

Ela sabia a que alturas a jovem havia chegado para nutrir tais pensamentos, mas vislumbrava alturas ainda maiores — horizontes distantes, radiantes de luz em vez de sombras púrpuras — e ansiava por revelá-los àquela alma elevada que tinha diante de si. A Sra. Morton percebia a verdade por trás da verdade — a alma da alma —, um conhecimento que só advém da profundidade e da amplitude de visão, do desabrochar interior. Ao levantar-se para partir, tomou as mãos de Marozia nas suas e disse, com profunda sinceridade:

— “Marozia, minha querida, existe uma meia-verdade que parece absolutamente encantadora, mas, logo além dela, aguarda outra — completa, abrangente e inclusiva —, que preenche o círculo do universo. Você contemplou a meia-verdade. Não se detenha aí! Há alturas além de outras alturas. Meias-verdades jamais podem ser conciliadas. A verdade perfeita não reserva decepções nem admite discrepâncias. A Mente da filha de Ralph Remington é nobre e elevada demais para se contentar com horizontes limitados!”